

Artigo | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

Por entre estantes, fichas e catálogos: uma escuta sobre o trabalho na Fundação Biblioteca Nacional

Raquel França dos Santos Ferreira, Fundação Biblioteca Nacional   

Palavras-chave:

história oral;
trabalho;
Fundação
Biblioteca
Nacional.

Resumo. O Projeto Acervo de História Oral, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), tem como objetivo registrar as memórias dos trabalhadores da instituição e que se encontram aptos à aposentadoria. Para que possamos traçar um panorama dos caminhos percorridos pelos servidores, desde a sua entrada na FBN, as discussões sobre a formação das coleções, os processos técnicos, a entrada dos servidores durante a ditadura civil-militar, são cotejadas com a metodologia da História Oral, tal qual preconizada por Marieta de Moraes Ferreira e Verena Alberti. Nesta proposta de artigo, ao mesmo tempo em que discutimos os caminhos até chegarmos ao Projeto Acervo de História Oral FBN, faremos uma reflexão sobre duas entrevistas, das quais destacamos as relações de trabalho desenvolvidas a partir da entrada das servidoras na instituição, bem como as contribuições deixadas por entre estantes, fichas e catálogos: a participação das servidoras no desenvolvimento e guarda das coleções que estiveram sob suas responsabilidades.

Keywords:

oral history;
work;
Fundação
Biblioteca
Nacional

[EN] Among shelves, files and catalogs: listening to the work at Fundação Biblioteca Nacional

Abstract. The Oral History Collection Project of the Fundação Biblioteca Nacional (FBN) aims to record the memories of the institution's employees who are eligible for retirement. In order to provide an overview of the paths taken by the staff since they joined the FBN, discussions about the formation of the collections, the technical processes, and the hiring of staff during the civil-military dictatorship are compared with the Oral History methodology, as advocated by Marieta de Moraes Ferreira and Verena Alberti. In this article, while discussing the paths leading up to the FBN Oral History Collection Project, we will reflect on two interviews, from which we highlight the work relationships developed after the staff joined the institution, as well as the contributions left among the shelves, files, and catalogs: the staff's participation in the development and preservation of the collections under their responsibility.

Palabras clave

historia oral;
trabajar;
Fundación

[ES] Entre estantes, archivos y catálogos: escuchar sobre el trabajo en Fundación Biblioteca Nacional

Resumen. El Proyecto Colección de Historia Oral, de la Fundación Biblioteca Nacional (FBN), tiene como objetivo registrar las memorias de

Biblioteca
Nacional

los trabajadores de la institución que se preparan para su jubilación. Para trazar un panorama de los caminos recorridos por los funcionarios desde su ingreso al FBN, se compararon las discusiones sobre la formación de las colecciones, los procesos técnicos, el ingreso de los funcionarios durante la dictadura cívico-militar, con la metodología de la Historia Oral, como la que propugnan Marieta de Moraes Ferreira y Verena Alberti. En esta propuesta de artículo, al mismo tiempo que discutimos los caminos para llegar al Proyecto de Colección de Historia Oral de la FBN, reflexionaremos a partir de dos entrevistas, de las cuales resaltamos las relaciones laborales desarrolladas luego del ingreso de los funcionarios a la institución, así como los aportes. quedó entre estanterías, archivos y catálogos: la participación de los funcionarios públicos en el desarrollo y custodia de las colecciones que estaban bajo su responsabilidad.

Introdução: um panorama ambiental

Desde o ano de 2018, após contato com projetos de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), surgiu a ideia de se elaborar um acervo que contivesse as memórias, as experiências e as falas dos servidores da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), aptos a se aposentarem. Do total de servidores da instituição na época, composto por cerca de 300 servidores públicos, cerca de 2/3 estariam em idade de aposentadoria a partir do ano de 2019. Alguns, inclusive, com processos já em tramitação na Divisão de Recursos Humanos da Fundação (DRH-FBN).

Apreensivos pela evasão do conhecimento, que aquelas aposentadorias representavam, configurando-se em uma perda significativa dos saberes e fazeres das mais diversas áreas da instituição, entre elas, Conservação e Restauração, Atendimento ao Leitor, Obras Raras, Manuscritos, Cartografia, Obras Gerais, Periódicos, Microfilmagem, Processamento Técnico, procuramos encontrar um meio para diminuir o impacto dessa perda que, rapidamente, traduzir-se-ia não só na qualidade dos serviços prestados mas, fundamentalmente, na memória de um arcabouço laboral inexistente nos manuais de serviços e práticas biblioteconómicas e de guarda documental: a experiência de vida e trabalho, algo não apreensível pelas letras frias daqueles tipos de documentos técnicos.

Buscando alternativas que pudessem minimizar a lacuna que se avizinhava, o Projeto Acervo de História Oral começou a ser organizado, entrelaçando parcerias e integrando as áreas de guarda da FBN, a partir da iniciativa dos pesquisadores da Coordenação de Pesquisa e da Coordenação de Acervos Especiais, notadamente a seção de Manuscritos. Com uma proposta inicial de se entrevistar a totalidade dos servidores encaminhando-se a se aposentarem, procedeu-se a elaboração de uma listagem, bem como o convite a cada um. As primeiras entrevistas, entretanto, iniciaram-se somente em 2020 – tendo sido suspensas até 2023, por conta dos efeitos da pandemia de Covide-19 (2020-2022).

Assim, este trabalho é resultante da análise de fontes orais compostas de duas entrevistas que integram a documentação do Projeto Acervo de História Oral da Fundação Biblioteca Nacional (AHO-FBN) e visa discutir aspectos do tecido institucional a partir das memórias dos trabalhadores que ingressaram em fins da década de 1970 – quando a instituição ainda era vinculada à Fundação Pró-Memória (1981-1984), passando à Fundação Pró-Leitura (1984-1989) e, finalmente, à Fundação Biblioteca Nacional (1990-Atual). Atualmente, contamos com 14 entrevistas efetuadas, sendo 7 já transcritas e aptas a serem disponibilizadas no Dossiê AHO-FBN, no setor de Manuscritos da FBN. Há mais uma entrevista prevista para cada mês, de setembro a dezembro de 2024. Tivemos a contribuição de duas bolsistas de Iniciação Científica, contratadas a partir do edital Programa de Apoio à Pesquisa – Iniciação Científica da FBN (PAP-IC), no ano de 2022, as quais encerraram os trabalhos em abril de 2024, devido ao prazo de término do contrato.

Além das entrevistas, também investigamos alguns documentos administrativos constantes do Acervo Histórico da Fundação Biblioteca Nacional, disponibilizados pela Divisão de Gestão Documental, contando com relatórios anuais dos gestores da FBN, ofícios, memorandos e demais itens concernentes aos registros oficiais das demandas de acervo e recursos humanos da FBN – que não serão abordados nesse artigo.

As servidoras entrevistadas, Maria Ione e Katia Jane, foram contratadas para trabalhar na Biblioteca Nacional no início da década de 1980, atuando em movimentos de incorporação de obras impressas e iconográficas aos acervos da instituição, colaborando, assim, com o desenvolvimento de coleções, em diferentes etapas dessa atividade. Ambas circularam por meio das diferentes áreas de guarda patrimonial da instituição, inclusive, participando de ações de gestões sucessivas, ao longo de mais de 40 anos de serviços prestados aos cidadãos brasileiros na área da cultura.

Questão de pesquisa

[...] meu espírito se eleva quando um aluno volta de sua primeira entrevista arrebatado pelo contato com a história viva, quando a filha de um entrevistado telefona para dizer quanto seu pai apreciou a oportunidade de voltar os olhos para seu passado, ou quando uma nova publicação de história oral destrói mais um mito, ou rompe mais silêncio (Thomson, 2000, p. 61).

Pelos idos de 1948, surgia uma nova técnica de estudos históricos, quando o historiador da Universidade de Colúmbia, Allan Nevins, passou a gravar as entrevistas que fazia em suas pesquisas (Thompson, 2000, p. 45). Estaria lançada a pedra fundamental da metodologia adensada na década de 1950, com mais informações, debates e incorporação de olhares europeus ao processo de registrar depoimentos orais como fonte documental para a historiografia (Alberti *et al.*, 2000).

No Brasil, a metodologia da História Oral encontrou no Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) o seu principal repositório teórico e metodológico (Alberti, 2005). A partir do esforço e do investimento dos pesquisadores e da instituição, a História Oral ganhou espaço em outras equipes de ensino e pesquisa, no meio acadêmico. Atualmente, vemos importantes atuações na linha do Programa de História Oral da FGV, como o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI-UFF), o Núcleo de História Oral e Memória, do Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São

Paulo (USP), bem como a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em atuação desde 1994, e que reúne pesquisadores das mais diversas instituições acadêmicas do país (Alberti; Fernandes; Ferreira, 2000).

Inspirados por essas experiências, como historiadoras e servidoras da Fundação Biblioteca Nacional, iniciamos o desenvolvimento de nossa própria caminhada, perseguindo os mesmos objetivos: dar a conhecer limiares de uma história dos trabalhadores da FBN¹, por meio das memórias e histórias de seus servidores em vias de aposentadoria.

Essa abordagem busca permitir, a partir dos olhares plurais e diversos provenientes das experiências dos servidores, em suas mais de três décadas de atuação na instituição, que se alarguem as perspectivas de análise sobre a história dos trabalhadores da cultura, sobre as transformações dos processos de trabalho existentes ao longo desses anos, com vistas a compreender as mudanças e permanências nas questões relativas às concepções sobre Patrimônio, em termos de educação e preservação patrimonial, noções de serviço público, de recursos públicos, entre outras questões.

Marieta de Moraes Ferreira (2002) aponta para duas linhas distintas de trabalho: a primeira delas focaliza os depoimentos orais como instrumentos para complementar e/ou confrontar informações deixadas pelas fontes escritas. Aborda, portanto, o estudo da administração pública, das diretorias de empresas e, especialmente, o acompanhamento do processo de tomada de decisões em diferentes espaços e grupos – e baliza-se tanto no olhar sobre a atuação das elites, das políticas públicas implantadas pelo Estado, como para a recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente escassas. A segunda linha centra-se na recuperação da história dos excluídos, na qual os registros orais servem como objetivos acadêmicos e, ainda, como instrumentos de construção de identidade e de transformação social.

¹ Atualmente, as servidoras do Projeto Acervo de História Oral da Fundação Biblioteca Nacional fazem parte do grupo de pesquisa Memórias Orais dos Trabalhadores da Cultura, grupo certificado pela FBN junto ao CNPq, que reúne também servidores da Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro Lúcio Costa (IPHAN) e Sítio Burle Marx (IPHAN).

O elemento que aproxima as duas abordagens é a busca pela objetividade e pela fidedignidade aos relatos. Os instrumentos, para isso, seriam a formulação de roteiros de entrevistas consistentes, para que os depoimentos não saiam do foco pretendido pelo tema da entrevista, bem como o trabalho com outras fontes, de forma a reunir elementos para mapear e compreender as diferentes versões oferecidas pelas subjetividades dos entrevistados. Com base nesses procedimentos, erigem-se argumentos em defesa da História Oral como capaz de apresentar relatos que possuem instrumentos para identificar as subjetividades apresentadas (Ferreira, 2002, p. 327).

Em outra vertente, Alessandro Portelli discute a validade das subjetividades para a pesquisa em História Oral, quando diz que, mesmo que uma experiência relatada não possa ser considerada um fato em si mesma, esta traz à tona o verdadeiro sentimento de alguém perante uma situação – e esse sentimento é, sim, um fato, pois remete a significados que só podem ser alcançados mediante as memórias trazidas pelos relatos (Portelli, 1996, p. 59-72).

Atualmente, a pesquisa, embasada nos pressupostos da História Oral, conforme discutem Ângela de Castro Gomes e Verena Alberti (2024), vai muito além da elaboração de roteiros e das questões técnicas que uma entrevista envolve. A História Oral nos possibilita a compreensão e a ressignificação de elementos das relações humanas não apreensíveis somente em uma pesquisa em documentos estritamente textuais. Tal como Walter Benjamin (1987) nos conta, ao “desempacotar uma biblioteca” nos acercamos de uma coleção de memórias existentes em cada um dos servidores da FBN. Ao nos encaminharmos para o terreno maleável, impalpável e, portanto, multifacetado daquelas memórias, adentramos universos que tangenciam o individual e o coletivo na produção de conhecimento sobre os aspectos que permeiam o concreto, o físico, “as estantes”, dentro de uma instituição de guarda patrimonial.

Tendo essas abordagens como horizontes teóricos e metodológicos, o AHO-FBN emerge em uma instituição cuja tradição de preservação baseia-se, fundamentalmente, nos documentos de origem textual, em suporte impresso, constituindo-se em um desafio não apenas metodológico, mas também de

preservação, dada a pluralidade de suportes em que os resultados das entrevistas deverão ser preservados – ou seja, suportes impressos ou mídias digitais.

Assim, ao checarmos as “fichas” individuais, isto é, ao observarmos documentos funcionais dos servidores na preparação dos roteiros de entrevista, encontramos registros de invisibilidade do trabalho, da produção intelectual e da importância dos servidores da cultura. A partir de então, elaboramos as questões de entrevista, procurando alimentar nossa discussão sobre a contribuição das servidoras a partir da sua entrada na instituição, ainda como autônomas, passando para celetistas e, em seguida, para estatutárias, bem como as contribuições deixadas no desenvolvimento e na guarda das coleções que estiveram sob suas responsabilidades.

E, por fim, no movimento de escuta e transcrição das entrevistas, ao “catalogarmos” a trajetória de cada um para a memória e a história do trabalho em instituições públicas de cultura – em especial, segundo Carlos Henrique Juvêncio (2024), tratando-se de uma Biblioteca Nacional, que, pela sua natureza, contribui para a formação de identidade nacional –, esperamos dar visibilidade ao trabalho desenvolvido, contribuindo para a sua valorização dentro e fora da instituição.

E recaímos na intersecção entre História Oral e História do Tempo Presente, o que nos impulsiona a escolhermos a quarta e a sexta entrevistas, pois, de certa forma, as duas entrevistadas possuem importantes pontos de contato entre as suas trajetórias profissionais e as questões de construção de memória e preservação de acervos que nos impactam na atualidade. Estudar as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, assume fundamental importância, conforme discute o historiador Henry Rousso, em entrevista publicada no periódico *Tempo e Argumento*:

A História do Tempo Presente encontrou novos fenômenos sociais que considero extremamente importantes, sendo que o principal foi a questão da memória. A noção de memória coletiva teorizada por Maurice Halbwachs nos anos de 1930, não figurava na aprendizagem de um historiador francês da década de 1970. Não líamos Halbwachs. Ele não fez parte dos autores que eu li. A noção de memória coletiva fora reduzida, a grosso modo, à questão dos testemunhos (Arend; Macedo, 2009, p. 207-208).

Ao nos debruçarmos sobre a História Oral, perpassada pelas questões do presente, percebemos que não se trata apenas de recolhermos testemunhos, mas de acessarmos modos de trabalho, registrarmos experiências e fazeres que não estão descritos em documentos oficiais, mas que são essenciais para a compreensão do papel de uma Biblioteca Nacional como a que temos no Brasil e que, parafraseando Roussou, permita-nos “[...] produzir uma história sobre nosso próprio tempo, tentando obter uma reflexão que permita um recuo relativo” (Arend; Macedo, 2009, p. 209).

Ambas entraram ainda muito jovens na biblioteca, e logo foram encarregadas de tratarem documentos não incorporados devidamente ao corpo do acervo da biblioteca. Assim como seus trabalhos, eram documentos invisíveis. As servidoras, cada uma a seu modo, participaram da elaboração de projetos institucionais vigentes nos dias atuais.

Katia Jane: quarta entrevista

A entrevistada entrou na Biblioteca Nacional no ano de 1984, como autônoma, contratada para atuar em um projeto de inventário de acervo. As circunstâncias envolvem a contratação de profissionais para trabalharem no Subprojeto de Integração de Acervos Históricos, que visava tratar coleções da biblioteca de D. João VI, que chegou ao Brasil com a família Real, em 1808. Essa coleção era um acervo do, então, infante D. João, e havia “peregrinado”, ao longo das eras, entre caixas e corredores, nos vários prédios que sediaram a, então, Biblioteca da Real, no século XIX. Somente no início do século XX, com a inauguração do atual prédio da Biblioteca Nacional, tais coleções, finalmente, teriam um descanso em uma casa definitiva².

Sobre a sua chegada, Katia nos conta:

² Antes da inauguração do prédio atual, situado na Cinelândia, região central da cidade do Rio de Janeiro, as obras da Biblioteca dos Reis - que deram origem ao acervo da BN - ficaram depositadas em outros locais. Os detalhes dessa história podem ser conhecidos no Histórico da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/historico>. Acesso em: 29 out. 2024.

Então, ela se posicionou nessa: ‘Pra que você quer uma secretária que sabe línguas? Você não precisa disso. É só administração. E eu vou botar minha sobrinha’. E assim foi. Eu conheço a sobrinha dela, que trabalhou aqui. Depois a gente trabalhou juntas e tudo. Tudo bem, né? E ela saiu, né? Afinal de contas, ela que foi embora. Aí, não fiquei. Eu falei, ‘bom, eu não vou arranjar outro emprego agora. Eu vou descansar’. Aí fiquei descansando dois meses. E foi quando me chamaram de novo. Falei, ‘de novo Biblioteca Nacional?’ [...] ‘Não, mas agora chamaram para pesquisadora. Aí sim, entram letras e linguística’. Aí eu entrei no SIAH. Era um subprojeto de integração de Obras Raras e Históricas, que era o acervo que queimou (Jane, 2024, p. 4).

A entrevistada refere-se à diretora da BN na ocasião. Apesar de não ter sido encaminhada em um primeiro momento, pelo entendimento de que o seu conhecimento seria subaproveitado, o seu trabalho acabou sendo considerado para a execução de um processo de reorganização de acervo de extrema importância para a história brasileira. A sua pesquisa consistia em encontrar fragmentos de documentos que foram vitimados pelo terremoto e incêndio de Lisboa, em 1755, conforme nos conta:

E esse SIAH, ele trabalhava com os séculos de XIV a XVIII. Então, só tinha obra de XIV a XVIII, né? Os séculos. E qual era o trabalho que eu fazia aí? Esse trabalho foi muito gratificante, foi o trabalho que eu mais gostei de todos esses anos. [...] Eu recuperava obras por fragmentos. Então, tudo quanto era obra comida, caixas de pedacinho de papel, era para mim e para um outro professor, que já faleceu, Luiz Felipe. A gente dividia as áreas de... Em línguas, né? Aí, eu ficava com latim, português, italiano, espanhol. Aí, ele ficava com grego, hebraico. Assim, a gente dividia, né? Que ele já tinha muito mais experiência com o hebraico e tal. E eu tinha com as mais modernas. E aí, a gente... Eu sempre conto essa história. Um pedacinho de papel com a letra ‘A’. E aí, eu comecei a buscar, né? Fui em Obras Raras. Comecei a buscar em obras raras e tal, nas referências. E aquela letra ‘A’, eu descobri de onde era aquele pedacinho de papel. O pedacinho de papel com a letra ‘A’, de que livro era. Olha, eu fiquei tão encantada. Foi maravilhoso. Por isso que eu digo que é o trabalho que, assim, que eu mais gostei mesmo. (Jane, 2024, p. 5).

Formada em Letras, com enfoque especial em neolatinas, a entrevistada passou a integrar a equipe do projeto, sendo requisitada para as ações de cuidado e preservação dos acervos citados, os quais ficavam

acondicionados em caixas no espaço em que, atualmente, encontra-se o Auditório Machado de Assis da FBN. O acervo, uma vez tratado, foi integrado às coleções da biblioteca, em especial as Obras Raras.

Em 1987, depois, portanto, de ter sido efetivada como celetista – na transição da instituição para a Fundação Pró-Leitura, a servidora foi designada para trabalhar na DID: Divisão de Informação e Divulgação, cujo principal propósito seria auxiliar os pesquisadores externos a consultar o acervo da BN. Nos anos 1990, a servidora foi integrada ao quadro de estatutários, em conformidade com as normativas que transformaram a biblioteca em Fundação Biblioteca Nacional.

Devido ao trabalho com a documentação e seus conhecimentos de pesquisa, entre 2000 a 2004, a pesquisadora cursou mestrado e doutorado em História na Espanha, onde desenvolveu expertise de pesquisa documental. Ao retornar para o Brasil, em 2004, um novo desafio a aguardava: o Projeto Resgate Barão do Rio Branco.

[em 2004] fui conversar com Carmen Moreno, que é de Manuscritos. Né? Aí ela falou, ‘já sei um lugar legal que uma pessoa tá precisando’. Eu falei, ‘bom, então me diz aí’. ‘Vou falar com Esther Bertoletti, que é do Projeto Resgate’. Aí eu fui. Ela estava lotada lá no Capanema. No segundo andar lá que é o... Que é do Ministro, né? Da Cultura, o segundo andar e tal. E ela estava numa sala daquelas com o assessor do Ministro. Aí ela falou comigo, ‘já que você veio de lá, volta, né?’ Aí eu falei, ‘como assim, veio de lá e volta, né?’ Ela falou, ‘não, aí você vai ser pesquisadora do Projeto Resgate, fase 2, na Espanha’ (Jane, 2024, p. 16).

Um projeto de suma importância para a história e a memória nacionais, no qual participou como pesquisadora, lado a lado com a sra. Esther Bertoletti – uma das fundadoras e coordenadora principal da iniciativa. Depois da aposentadoria da sra. Bertoletti, Katia participou como coordenadora. O título de coordenadora não lhe rendeu, no entanto, nenhum ganho financeiro, de acordo com o que nos conta:

[sobre ausência de remuneração por ser coordenadora] Nem por parte do MinC, a única coisa que eles faziam era pagar as

passagens e diária para estar nos locais. Mas [...] Assim, meu salário sempre foi o meu de pesquisadora na vertical [...] não, na horizontal, né, porque eu cheguei num patamar que já não fui mais a lugar nenhum. Então, é isso [...] Era sempre o meu salário sem projeção assim, de cargo, de nada (Jane, 2024, p. 26).

O Projeto Resgate Barão do Rio Branco ainda é ativo, agora sob outra coordenação, já que Katia Jane está aposentada.

Maria Ione: sexta entrevista

Nossa sexta entrevistada, Maria Ione teve a sua entrada na Biblioteca Nacional logo depois de sua formatura, no final da década de 1970. Optando por um emprego de carteira assinada, em lugar de um estágio, conta-nos como foram as circunstâncias:

Primeiro [...] Fui ao CNPq, assinei o contrato, era estágio. E logo depois, na mesma semana, no dia seguinte, eu recebo a ligação para trabalhar. Não, não sei se foi ligação, e-mail, não lembro mais. E-mail, não foi. Telefone, telefonema, talvez, para trabalhar na Biblioteca Nacional. Não era estágio, era um contrato com carteira assinada e eu não tinha carteira assinada. [...] E aí fui ao CNPq dizer que ‘eu não quero mais, não. Eu vou trabalhar na Biblioteca Nacional’. Nossa, a moça ficou muito chateada comigo, muito irritada. [...] As portas do CNPq nunca mais se abririam para mim, foi o que ela me disse naquela ocasião. Não esqueço nunca disso, nem do rostinho dela. Aí começamos a trabalhar aqui, éramos um grupo muito grande fazendo o inventário do armazém de periódicos (Costa, 2004, p. 4).

Formada em Biblioteconomia, e com a chance de trabalhar na principal biblioteca do país, a servidora foi encaminhada para o trabalho de projetos de inventário –etapa fundamental na inserção de um patrimônio a um acervo documental. O levantamento dos dados da obra para que houvesse o seu registro e a devida inclusão em base de dados da coleção a que pertence. Entretanto, as condições de trabalho que se apresentavam eram bastante insalubres e precárias, como informa em sua entrevista:

Bom, e a gente trabalhava [...] Eram duas pessoas por andar, duas colegas, né? Cada dupla ficava no seu andar, sem ar

condicionado, janelas fechadas, uma sauna. A gente colocava uma mesinha, uma mesinha pequena em cada [...] em cada entrada do armazém, cada estante, entre as duas estantes, íamos fazendo inventário de todo aquele [...] tirando pó da inventaria. Lógico que eram as folhas de papel, planilhas e assim a gente deu cabo de fazer [...] A minha companheira de andar era a Verinha, que é do Microfilme hoje, é a chefe. E a gente dava conta de ir fazendo o inventário total (Costa, 2024, p. 6).

Não bastasse o espaço precário onde atuavam, havia ainda o clima institucional, marcado por um ambiente herdeiro da ditadura civil-militar, com extremos controle e hierarquização das chefias sobre os servidores sob a sua responsabilidade. Soma-se a essa particularidade do período o choque de gerações, ilustrado pela fala de nossa entrevistada:

Era um calor muito grande, existia, como a gente se lembrou bem, a gente era terceirizado, nós tínhamos senhoras e senhores, hoje, todos na minha idade, imagino eu, que eles viam aquelas meninas, entrando pelo salão, pegando o elevador para subir, como persona não grata. Ninguém gostava da gente. As senhoras que estavam na época, elas não gostavam, a gente não tinha, bom, a gente não podia usar o telefone da Casa [Biblioteca Nacional], eu tive, depois casei em 83, em 84 eu já tinha filhos, e eu tinha mãe, eu tinha pai, e eu tinha, que eu queria, às vezes, uma pessoa doente, ligar para casa, claro que celular não existia, e eu queria, ‘posso ir usar o telefone?’ ‘Rápido, por favor’ (Costa, 2024, p. 10).

Apesar de todos os percalços vividos, a servidora encontrou crescimento profissional, ingressou em curso de mestrado, motivada pelo interesse em conhecer mais sobre o acervo e, por fim, deixa um legado significativo para a história nacional: a sua colaboração na fundação do primeiro grupo de pesquisa sobre Periódicos da Biblioteca Nacional: o grupo *Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente*.

A Biblioteca nunca deu horário para estudar [...]. É, eu, quando eu fiz a especialização eu tava de férias, janeiro, e apareceu no meu e-mail alguma coisa que o Arquivo Nacional tava oferecendo o curso e eu ‘tenho uma vontade de fazer, será que eu vou poder?’. Aí liguei para chefe na época, eu acho que era Angélica, ‘sei lá tô com vontade de me inscrever, será que posso?’ ‘Mas o horário [...]’ ‘mas eu vou pagar minhas horas’, então eu

tinha que pagar as horas que saísse e eu fui fazer [...] Aí um dia veio uma professora, aí a gente começou a fazer o projeto com Irineu e Sameiro, ele sempre conta essa história, [...] ele conta que a Sameiro chegou pra ele, ele tinha acabado de defender o doutorado dele, ‘a gente podia fazer um projeto alguma coisa’. Aí eu tenho orgulho de lembrar, de pensar que o nome saiu da minha cabecinha ‘Publicação efêmera e memória permanente’, porque efêmera é, porque a gente queria, na época, a gente queria dar visão aos periódicos que não tivessem, que não fossem conhecidos. Falar de, dos escritores famosos é muito fácil, todo mundo conhece, você pode citar qualquer um; agora, você pega lá um nomezinho que tem tantos ali e a gente queria dar visão pra esses desconhecidos (Costa, 2024, p. 54).

O grupo, inicialmente liderado pelo também pesquisador Irineu Corrêa, citado pela entrevistada, ainda é atuante, e Maria Ione continua a elaborar verbetes sobre títulos de periódicos e autores desconhecidos da grande literatura nacional.

Reflexão sobre as entrevistas

Ao descrevermos, brevemente, as atuações das duas entrevistadas, visamos ressaltar – para além do seu trabalho de guarda patrimonial, na instituição de cultura a que se dedicaram – alguns aspectos concernentes à História do Tempo Presente, ou seja, da história que nos é cotidiana, ainda que perpassada por legados de uma temporalidade que se nos apresenta distante (Bédarida, 2006), em especial, os relacionados aos processos históricos ainda em curso na realidade brasileira atual – mudanças de gestão, alterações nas políticas relacionadas ao Ministério da Cultura com seu constante desmonte e submissão aos interesses do grande capital.

Assim, em uma discussão que dialoga com o Regina Beatriz Neto e Antonio Montenegro (2024) – apesar de sua análise ser baseada em trabalhadores rurais –, observamos que o mundo do serviço público, estatutário, em uma instituição inserida em uma economia capitalista, é, também, sujeito à retração – por vezes, até supressão, como o caso de desmantelamento do Ministério da Cultura, vivenciado entre os anos de 2019 e 2022 –, das ações e políticas públicas de preservação de documentos, prédios, monumentos e contratação de pessoal.

Isso pode ser observado quando há a contratação de estagiários e de terceirizados (celetistas) para o trabalho direto com o patrimônio documental nacional – em substituição à contratação por concurso público –, ou quando temos a nomeação de agentes públicos para cargos de confiança sem a devida remuneração, evidenciando a precarização do serviço público, em um paralelo com a situação descrita pelos autores:

Lidamos com os conflitos sociais entre trabalhadores/as e empresários/proprietários rurais que operam com o pressuposto de que homens e mulheres pobres são ‘descartáveis’, ‘seres inferiores’ – sob a lógica da biopolítica –, destituídos de direitos, sem reconhecimento de seu estatuto de cidadania (Guimarães Neto; Montenegro, 2024, p. 67-68).

Percebemos, também, o peso do clima institucional, quando observamos o controle sobre os corpos e sobre os fazeres das entrevistadas. Trata-se de um clima de vigilância e de cerceamento, herdeiro do ambiente que se segue a uma situação de ditadura, que incutiu nas gerações dessas servidoras a noção de que o respeito às ordens das chefias deveria estar acima das suas próprias necessidades pessoais e físicas – como podemos notar na menção aos critérios para fazer ligações emergenciais, ou mesmo, para utilizar banheiros e demais espaços da instituição.

Por fim, a importância de pensarmos o trabalho das servidoras como um legado à instituição, ao patrimônio, mas, sobretudo, à memória e à história nacional, pois, sem seu trabalho – ainda que superficialmente reconhecido pela instituição e pelo próprio Estado brasileiro –, não haveria meios para sequer conhecermos muitos dos aspectos que formam as nossas próprias identidades culturais e nacionais, como discute Carlos Henrique Juvêncio (2024):

As bibliotecas nacionais são, portanto, herdeiras da tradição das bibliotecas reais, mas com um caráter mais amplo, visando a construção de uma identidade nacional e ancoragem da produção intelectual de uma nação em um único espaço institucionalizado e custodiada pelo Estado, servindo de subsídio à afirmação identitária, ao mesmo tempo em que preserva a memória e a história (Juvêncio, 2024, p. 23).

Considerações finais

O Projeto Acervo de História Oral-FBN surge a partir do diagnóstico da necessidade de registrar e dar visibilidade à parte da memória recente dos trabalhadores da Fundação Biblioteca Nacional. Sendo uma instituição bicentenária, cujo acervo remonta ao Império Português e ao Brasil Colonial – e cuja riqueza e grandiosidade são reconhecidas mundialmente –, a Biblioteca Nacional, até então, não possuía, formalmente, um projeto de acervo cujo foco fosse a memória e a história dos trabalhadores, no Tempo Presente, visando cumprir com o papel de registrar e disponibilizar fontes singulares para a memória dessa ilustre instituição na contemporaneidade (Ferreira, 2002). Além disso, dá tangibilidade a importância de seus servidores diante do permanente processo de construção histórico, cultural e identitário na condição de pertencentes a uma instituição detentora de valor nacional.

Ao discutir questões como identidades e afinidades entre servidor e instituição, os depoimentos sinalizam que a qualidade do serviço prestado ao cidadão está, intrinsecamente, relacionada à noção de pertencimento institucional. Ao mostrar as mudanças ocasionadas pelo aporte tecnológico, com a diminuição dos servidores em um dado setor da FBN, o registro nos permite observar que a instituição precisa buscar, constantemente, formas de se reinventar, para que a sua função social – de guarda e difusão do patrimônio documental – não sejam afetadas, ou sejam diminuídas em sua importância. Por fim, ao mostrar que os servidores querem o registro de suas memórias, a pesquisa consolida a noção de que todos somos agentes históricos e podemos, desse modo, contribuir para a consolidação dos direitos sociais de cada cidadão brasileiro.

As duas servidoras entraram jovens e recém-formadas (Letras; Biblioteconomia) na FBN. Como celetistas e, em seguida, estatutárias, é evidente que ambas deixaram contribuições por entre estantes, fichas e catálogos: a participação das servidoras no desenvolvimento e na guarda das coleções que estiveram sob suas responsabilidades. As duas estiveram à frente de inventários de coleções depositadas sem qualquer critério ao longo de décadas.

Desenvolveram projetos que existem até os dias atuais, muitas vezes sem reconhecimento financeiro. Essa situação contribui para o descaso das políticas públicas com os setores culturais. Invisibilidade do trabalho, da produção intelectual e da importância dos servidores da cultura: enquanto a valorização do servidor não for dada de dentro das instituições para fora, nenhuma política pública vai fazer isso.

Para finalizar, a nossa discussão visa suscitar reflexão sobre as contribuições as servidoras para a coletividade que nos cerca: a importância do reconhecimento do trabalho de cada um para a memória e a história do trabalho em instituições públicas de cultura e, por conseguinte, de reconhecimento dessas instituições de cultura como essenciais à existência do próprio Estado brasileiro – em especial, tratando-se de uma Biblioteca Nacional, considerada a maior da América Latina e a 8^a Maior do mundo, em um contexto de reorganização do Ministério da Cultura no Brasil.

Referências

Bibliografias

ALBERTI, Verena. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <https://books.scielo.org> Acesso em: 14 out. 2024.

ARENDE, Sílvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo Presente: uma entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e Argumento: revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Florianópolis: UDESC, v. 1, n. 1, p. 201-216, 2009. Disponível em:

https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/pdf_12
Acesso em: 27 mar. 2025.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaína;

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 219-229.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00314.pdf> Acesso em: 21 out. 2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Histórico*. Disponível em:
<https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/historico> Acesso em: 29 out. 2024.

GOMES, Angela de Castro; ALBERTI, Verena. Uma conversa sobre história Oral e questões teórico-metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 19-32.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral, memória e trabalho: reflexões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 61-70.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. *A biblioteca e a nação: entre catálogos, exposições, documentos e memória*. Curitiba: Appris, 2024.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). *História oral: desafios para o século XXI [online]*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 47-65. Disponível em:
<https://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>
Acesso em: 21 out. 2024.

Entrevistas

COSTA, Maria Ione Caser da. *Entrevista 1 [2023]*. Rio de Janeiro: AHO-FBN, 2024. 64 p. pdf.

JANE, Kátia. *Entrevista 2 [2023]*. Rio de Janeiro: AHO-FBN, 2024. 52 p. pdf.